

## MITOS, SEGREDOS E RITOS NA FAMÍLIA \*

Júlia Sursis Nobre Ferro Bucher  
*Universidade de Brasília*

RESUMO - O presente artigo analisa as implicações dos mitos sócio-culturais na interação familiar numa perspectiva sistêmica e psicanalítica. A relação entre o mito e a memória familiar em sua dimensão intergeracional é descrita bem como o mito e o segredo ancorados nos rituais do cotidiano da vida familiar. É enfatizada a necessidade de aprofundar o conhecimento da relação entre o individual e o familiar.

### MYTHS, SECRETS, AND RITES IN THE FAMILY

ABSTRACT- Based on the social-cultural myths, this article presents an analysis of the myths underlying family interaction from both a systemic and a psychoanalytic perspective. The relation between the myth and family memory are viewed on an inter-generational dimension. It is shown how the myth and the secret are anchored in rituals found in everyday family life.

Nesta última década, os psicoterapeutas e os pesquisadores, que elegeram a família como objeto de trabalho, perceberam as influências dos mitos, dos segredos e dos ritos na psicodinâmica da interação familiar e não só na família nuclear, como também na sua dimensão transgeracional.

Algumas reflexões sobre estudos do mito em sua dimensão sócio-antropológica e na abordagem dos psicanalistas e psicoterapeutas sistêmicos da família, bem como sobre os temas do segredo e dos ritos a partir das regras e normas familiares, é o que nos propomos neste trabalho.

### DOS MITOS SÓCIO-CULTURAIS AOS MITOS NA INTERAÇÃO FAMILIAR

Em grande parte, foi na dimensão cultural do mito, que o tema chamou a atenção dos pesquisadores. A mitologia clássica define o mito como uma narrativa popular ou literária sobre seres heróicos e ações imaginárias nas quais são transportados acontecimentos históricos reais ou desejados. Nele são projetados tanto complexos individuais, quanto certas estruturas interacionais da família. O mito de Édipo está entre os exemplos mais conhecidos nesse sentido. O passado histórico de uma sociedade, de uma civilização, e as estruturas familiares que o sustentam são representados pelo mito que a cultura encerra através de uma representação comum e compartilhada por todos os que a integram. Assim sendo, como afirma Ruffiot (1980), "o mito é uma transposição e uma explicação do real, uma mediação sobre o plano do imaginário, permitindo aceder a uma primeira

---

\* Uma versão deste trabalho foi apresentada por ocasião do 1º Encontro de Psicoterapia Familiar na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 1983.

compreensão do universo objetivo e do mundo interior". Lèvi-Strauss(1970a), por sua vez, nos mostra que o mito corresponde a um reflexo da estrutura social e de suas relações, priorizando assim as relações de parentesco. Estas são definidas através da relação de filiação (natural), de consangüinidade (natural e cultural) e de aliança (cultural). Assim, o início da Instituição Familiar se encontra justamente na relação de aliança.

Ao analisar os mitemas ou o mito em suas unidades constitutivas, Lèvi-Strauss (1970 b) acentua a importância do aspecto simbólico ou a decifração do sentido oculto do mito. Nesta dimensão, os mitos correspondem a um intercâmbio cultural através do qual o sujeito é definido por sua relação de parentesco e correspondem também a um modelo lógico, capaz de superar uma contradição. Ele considera que a estrutura inconsciente não corresponde a leis de funcionamento, senão a "acontecimentos transformados coletivamente e que permanecem em forma de pedaços de verdade histórica reelaborados e mantidos na atualidade como recordações encobridoras, mitos e fantasias familiares e mesmo que individuais, compartilhadas".

O mito estudado pela antropologia e investigado à luz das teorias psicanalíticas e sistêmicas tem grande interesse para os psicoterapeutas da família.

Do ponto de vista da teoria dos sistemas, foi Ferreira (1963) quem introduziu o conceito de Mito Familiar a partir de suas observações no atendimento clínico. Resumidamente, suas observações o levam a concluir que o mito familiar é um "sistema de crenças" que diz respeito aos membros de uma família, seus papéis e suas atribuições em suas transações recíprocas; é constituído de "convicções compartilhadas" pelo conjunto das pessoas que integram esse sistema e são "aceitas a priori" mesmo quando irrealis, como se fosse uma coisa sagrada e tabu; - algo que ninguém questionará, e, muito menos, desafiará; quando um ou mais de seus membros reconhecem os aspectos de falsidade e de ilusão presentes no mito, isto fica em "segredo"; — serve como um mecanismo homeostático, tendo por função manter a coesão grupal e fortalecer a manutenção de papéis sociais de cada um dos membros do grupo. Por essa razão, dificulta e até impede o sistema familiar de se deteriorar ou até de se destruir. Finalmente, Ferreira conclui que o mito exprime e mantém uma pseudo-realidade modeladora sobretudo nas crianças. O aparecimento do mito, para ele, se daria em situações de grandes tensões entre os membros da família, tensões estas que poderão levar à quebra das relações entre seus membros. Desta forma, o mito é uma salvaguarda para a manutenção da família.

Outros autores sistêmicos também analisaram o mito na família. A escola de Palo-Alto através de Watzlawick e seus colaboradores (1967) analisou a dimensão psicótica do mito familiar através da peça teatral "Quem tem medo de Virginia Wolf?" de Albee. Na escola de Milão, Mara Selvini - Palazzoli et ai. (1980), ao analisar famílias com um membro psicótico e anoréxico, conclui que "um mito é um fenômeno sistêmico, pedra angular que mantém a homeostase do grupo que o produziu. O seu nascimento, a sua permanência e a sua reativação visam o reforçamento da homeostase do grupo contra toda solicitação que poderá fazê-lo explodir". Selvini assinala ainda a dimensão transgeracional do mito, quando nos diz que ele se "transmite de uma geração à outra, sendo reforçado, rigidificado até congelar ao extremo as regras da família, criando assim um clima favorável à eclosão psicótica".

Porém, os mitos não são encontrados somente em famílias patológicas. Nesse sentido, Rey (1979) afirma que os mitos parecem necessários a todos os grupos, para que mantenham uma relação fluida e harmoniosa. Enquanto imagem interiorizada da família e exprimindo a forma com que ela é percebida pelos seus membros, só se tornará patológica naqueles grupos que se tornarem "esmagados por sua mitologia", quer dizer, quando as regras familiares forem de tal modo rígidas e arcaicas que impeçam o desenvolvimento de uma liberdade individual ou levam a incapacitar os membros da família para uma adaptação às mudanças.

Para os sistêmicos, os mitos são analisados como eles se exteriorizam, ou seja, enquanto mecanismos conscientes ou até subliminares.

Tanto os mitos dito "culturais" quanto os mitos que se estruturam no interior da família giram em torno do "romance da filiação".

A psicanálise tem dado sua contribuição ao estudo dos mitos na família. Ansieu (1975) relaciona os ritos, mitos, contos, sonhos como provenientes de fantasmas fundamentais do ser humano. Para ele, o mito "é uma tentativa de a sociedade mostrar a seus membros que ela compreende e identifica os seus fantasmas". Para Ruffiot (1980) há uma distinção entre o mito e o fantasma. Enquanto o mito surge como uma produção do imaginário coletivo, o fantasma é uma produção individual inconsciente, subliminar ou ainda consciente. O objeto de estudo da psicanálise "reside na pesquisa do fantasma inconsciente ou pré-consciente por trás de toda produção psíquica". Do ponto de vista dinâmico, o fantasma consciente traz ao cenário um desejo em geral infantil, ou seja, a satisfação imaginária de um desejo inconsciente.

Para esse autor, o fantasma individual consciente corresponde à exigência do mito familiar de ser compartilhado pelos membros da família, como assinalou o sistêmico Ferreira. Faz também parte da fantasmática familiar, da racionalização de todos os membros na edificação de um mito comum baseado no somatório dos fantasmas individuais, deformados eles mesmos pela censura consciente ou inconsciente da família. Desta forma, estaria criada a realidade psíquica familiar, difícil de ser percebida pelos observadores externos. Esquemáticamente, poderíamos dizer que dos psiquismos individuais se articularia o psiquismo familiar que por sua vez estruturaria os psiquismos individuais numa cadeia interacional, se retroalimentando constantemente, a partir da história da filiação (dimensão intergeracional) (Figura 1).

O mito familiar para despertar e se desenvolver surgiria do psiquismo individual e iria se constituir a partir do consenso e da criação grupai, da convicção compartilhada, sendo portanto elaborado pelo sistema familiar. "O mito seria para o grupo, o que fantasma é para o indivíduo" (Ruffiot, 1980).

A tentativa da psicanálise de procurar compreender a origem dos mitos familiares a partir da observação dos sistêmicos, quanto aos efeitos do mito nas estruturas familiares, nos levam a outras análises.

## O MITO E A MEMÓRIA FAMILIAR NA DIMENSÃO TRANSGERACIONAL E OS SEGREDOS

Miermont (1981) observa que a memória filogenética vem lembrar com insistência o mito fundador da célula familiar. Para esse autor, o comportamento esquizofrênico parece revelar uma memória cultural praticamente vazia de todo conteúdo social e familiar vivido como falsificado. Selvini-Palazzoli (1978) nos

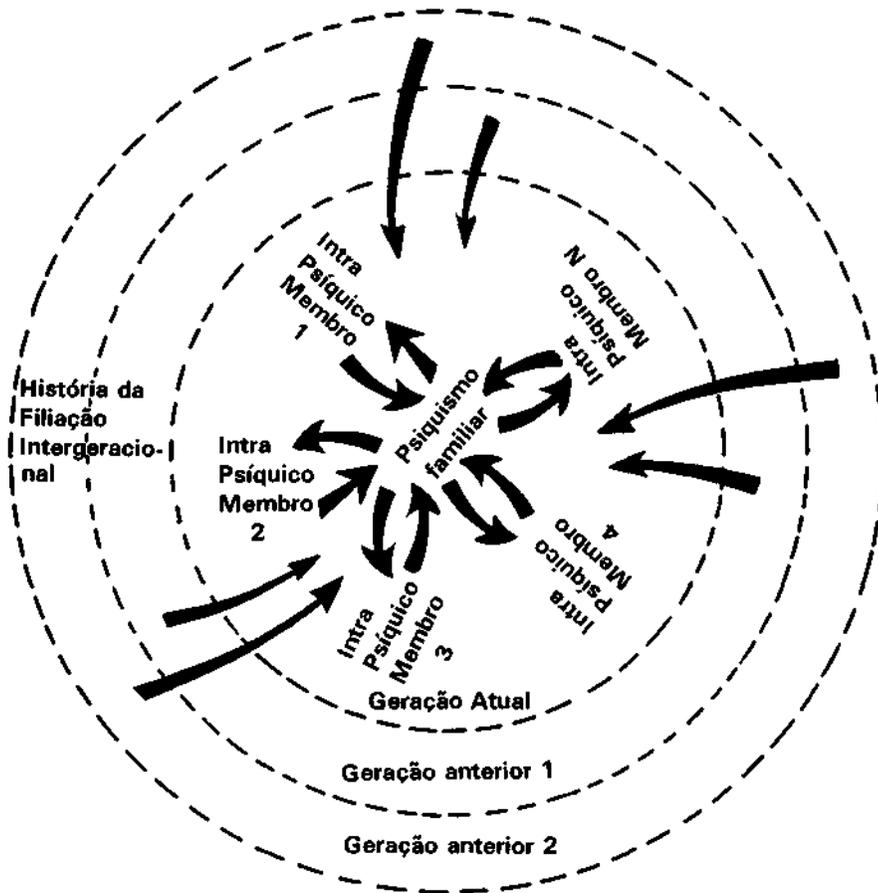


Figura 1

Interação do psiquismo individual e familiar

mostra que quando o mito se rigidifica congelando ao extremo as regras familiares surge a eclosão psicótica para salvaguardar o equilíbrio familiar. Bowen (1978) salienta, nesse sentido, que são necessárias pelo menos três gerações para a eclosão de uma psicose. Podemos dizer que é pela memória das origens que as delegações, as lealdades sobre uma, duas, três ou mais gerações vêm à tona e, é, no momento em que a família corre o risco de se desequilibrar, que a memória ancestral latente se torna operante.

Stirlin (1977), ao desenvolver o conceito de delegação na família, analisa como, através da história familiar, se estruturam as "delegações", nas quais um dos membros da família poderá vir a ser "delegado" pelo sistema familiar para cumprir uma "missão". A delegação, a natureza da missão e as modalidades de execução variam segundo a história da família e de seus mitos. Na teoria da lealdade invisível é analisada como o indivíduo "escolhido" cumprirá ou não a missão que lhe foi atribuída (Bozormenyi - Nagy e Spark, 1965).

O cumprimento de missões é um processo longo e pode realizar-se às vezes em sujeitos numa ou mais gerações posteriores à da designação da missão. Tudo se passa de forma invisível, ou seja, a partir desse inconsciente familiar. Na maior parte das vezes a comunicação do conteúdo não se realiza de forma digital, mas de forma analógica. As dívidas de lealdade impedirão o indivíduo de atingir sua autonomia, sua integridade psicológica, levando não raro a perturbações psíquicas, comportamentais ou a doenças psicossomáticas.

Como transmissora da cultura num sentido mais amplo, a família elabora e transmite também uma cultura que poderíamos chamar de cultura familiar, na qual são elaboradas a tradição da família e a história das genealogias, algumas vezes embelezadas, mitificadas, outras vezes deformadas, denegridas em suas raízes. Nestes últimos casos tornam-se segredos compartilhados, lendas, constituindo a mitologia familiar. A supervalorização de um ou de outro ancestral será uma tentativa de se criar modelos para que outros membros da família venham a recuperar tal memória; ou ainda o denegrimiento de um ancestral, segregada na sombra e na fantasmática familiar até que as expectativas frustradas da família sejam resgatadas por membros dotados de nobreza.

E a partir da irrealidade do mito contrapondo-se à convicção compartilhada de sua veracidade que os segredos surgirão. Tais segredos têm como intenção preservar os mitos da harmonia, da unidade, da união familiar, impedindo sua desestabilização. O segredo surge, pois, quando uma lei explícita ou implícita for ameaçada de ser transgredida. Bowen (1978) e Bozormeni-Nagy e Spark (1965) mostram-nos a importância da transmissão intergeracional de uma falta, de uma maldição ou da culpa que delas advém. Os segredos se encontram enraizados na Mitologia: como exemplos temos o segredo do nascimento de Édipo, e todas as conseqüências em que implicou; o segredo do conteúdo da jarra com a qual Pandora foi presenteada; o segredo da figura de Melusine, mulher legendária dos romances de cavalaria; o segredo do marido de Psyché. As implicações da quebra de tais segredos e os castigos decorrentes são também bastante enfatizados, como nos mostra também o caso de Orfeu. Do ponto de vista mitológico, a maldição pode ser considerada como uma culpa imposta do exterior pelos deuses, pois são eles que definem o que é bom e o que é mau. Nas famílias, as leis são fixadas na forma com que se estruturam psicodinamicamente na inter-relação constante entre o intrapsiquismo de cada um de seus membros e o intrapsíquico familiar e vice-versa. A culpa, por conseqüência, é ressentida pelo membro que comete a falta ou o ato definido como mal pelas leis que normatizam a família. Nesse sentido podemos dizer que é da culpa que se origina os segredos e seu cortejo de regras patogênicas (Ausloos, 1980). O segredo então se apresenta como uma decorrência do sentimento de dívida. Não é raro que dívidas de lealdade se transmitam de uma geração a outra por intermédio do registro de méritos de cada um dos membros da família. A estruturação dos mitos e segredos na família se ancora nas regras, nos ritos, que ela organiza.

#### O MITO, O SEGREDO E OS RITOS NA FAMÍLIA

Em textos antropológicos, os ritos são definidos como um conjunto de regras e de cerimônias que se praticam numa religião. O ritual é um processo susceptível de estabelecer e desenvolver costumes. Este conjunto de regras e de cerimônias são práticas que também ocorrem no dia-a-dia de toda família. Jackson (1957, 1965) considera que toda família é um sistema governado por regras, ou seja, que a

unidade familiar determina seu tipo de relacionamento concordando em definições mutuamente aceitas consciente ou inconscientemente. Esses acordos tácitos, consubstanciados em regras, vão delimitar a atuação de cada membro da família, através de seqüências repetitivas em todas as áreas da vida. Essas seqüências são, portanto, redundantes. São as regras ou normas estabelecidas pela família que nortearão a conduta de seus membros e irão variar de família para família, embora haja um conjunto de regras e rituais similares para a maioria das famílias, sendo algumas dessas regras muito condicionadas pela classe social à qual as famílias pertencem.

As regras são percebidas de diversas formas. A linguagem utilizada pela família nos informa sobre algumas delas. Por exemplo, como são divididos os nomes ditos e os interditos, os diminutivos, os palavrões; os nomes com que são designados os órgãos sexuais ou que traduzem a sexualidade; como são nomeadas as pessoas ao nascer. Toda linguagem utilizada constitui a cultura lingüística da família. Outras subdivisões são observadas também. Por exemplo, a linguagem usada no intercâmbio entre os adultos e no intercâmbio destes com as crianças ou ainda das crianças entre si.

Ritos são moldados pelas regras estabelecidas pela família. Os seus hábitos são exteriorizados através de ritos e ancorados nas regras por ela definidas. Por exemplo: o acordar, o dormir, as rotinas de limpeza, os lazeres, as comemorações como nascimentos, aniversários, casamentos e outros decorrentes da importância que a família atribui aos fatos; ou ainda o culto a seus mortos.

Algumas regras familiares podem ser observadas no que concerne à demonstração dos afetos na família tanto na sua dimensão de demonstração, física ou não, de amor, quanto na demonstração física ou não, de raiva, de ódio ou de desgosto. Os ritos são produtos da tradição, transmissíveis culturalmente e sancionados pelo consenso grupal. Exigem, como condição básica, a crença em sua eficácia e a repetição constante. Assim, tanto os mitos quanto os ritos são a expressão do aparelho psíquico da família e expressam sua dinâmica. Eles podem ser tanto altamente criadores quanto igualmente destruidores, caso se tornem demasiado rígidos. Ao se analisar a forma como a família estrutura suas fronteiras, constatamos que naquelas permeáveis entre os membros da família ou entre eles e o mundo exterior existe a possibilidade de trocas, pois elas se revelam abertas a mudanças. Há portanto, menos possibilidades de que mitos sejam forjados, regras e ritos sejam rigidificados ou congelados. Todavia, nas famílias onde o seu funcionamento ou a sua psicodinâmica são ancorados em regras, rituais pre-estabelecidos, observamos que suas fronteiras são impermeáveis. Fica difícil a realização de trocas, há muita dificuldade na aceitação de mudanças. Nesses casos, a conformidade com os mitos e os segredos pode surgir como a última esperança contra a desestabilização familiar.

Podemos constatar nos últimos anos, que os enfoques funcionalista-sistêmicos expressos sobretudo pela escola americana (Ferreira e discípulos), estrutural-sistêmica (Minuchin e discípulos) estimularam, de certa forma, a escola psicanalítica a canalizar suas investigações teóricas para o campo familiar abrindo caminho para a psicoterapia analítica da família. Por exemplo, enquanto Ferreira (1963, 1966) analisou os mitos familiares em sua dimensão pragmática-funcional, Berenstein (1978), considerando a antropologia estrutural, desenvolveu a noção de estrutura inconsciente familiar intergeracional, a partir do estudo de uma família nos aspectos da relação avuncular. Esta análise apresenta dados sobre a colusão

entre a relação conjugal e a relação da mulher com sua família de origem. Posteriormente, Kornblit (1984) apresenta um modelo conceptual das relações familiares a partir de sua estrutura inconsciente e suas relações com a semântica estrutural.

Embora as abordagens antropológica, sistêmica e psicanalítica apresentam perspectivas de investigação bem diferenciadas, há um ponto comum que para nós se configura na necessidade de aprofundar tal conhecimento: a relação entre o individual e o familiar, ou seja, o processo de individuação, que só se realiza na família, e deste com o processo grupai familiar, que se estrutura por sua vez nos individuais de seus membros. A análise de tal fenômeno familiar, em psicoterapia, será o tema do nosso próximo trabalho.

## REFERÊNCIAS

- ANSIEU, D. (1975). *Le groupe et l'inconsciente*. Paris: Dunot.
- AUSLOOS, G. (1980). Oedipe et sa famille. *Dialogue*, 70, 83-91.
- BERENSTEIN, J. (1978). *Família y enfermedad mental*. Buenos Aires: Paidós.
- BOSZORMENYI-NAGY, I. & SPARK, G.M. (1965). *Invisible loyalties*. New York: Harper & Row.
- BOWEN, M. (1978). *Family therapy in clinical practice*. New York: Jason Aranson.
- FERREIRA, A. (1963). Family myth and homeostasis. *Archives of General Psychiatry*, 9, 457-463.
- FERREIRA, A. (1966). Family myths. *Psychiatric Research Reports*, 20, 21.
- JACKSON, DON D. (1957). The question of family homeostasis. *Psychiatric Quartely Supplement*, 31, 79-80.
- JACKSON, DON D. (1965). The study of the family. *Family Process*, 4, 1-20.
- KORNBLIT, A. (1984). *Semiótica de las relaciones familiares*. Buenos Aires: Paidós.
- LEVI-STRAUSS. (1970 a). *Mito e linguagem social*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro.
- LEVI-STRAUSS. (1970 b). *Antropologia Estrutural*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro.
- MIERMONT, J. (1981). Inconscient individual et memoire familiale. *Études Psychotherapiques*, 43, 17-22.
- REY, Y. (1979). *Approache systemique en Psychologie Clinique. Application à la thérapie da famille*. Thèse du 3<sup>e</sup> cycle. Grenoble. 328 pp.

- RUFFIOT, A. (1980). Fonction mythopoiétique de la famille. Application à la Thérapie de famille. *Dialogue*, 70, 3-19.
- RUFFIOT, A. (1981). *La théorie familiale psychanalytique*. Paris: Dunot.
- SELVINI-PALAZZOLI, M. (1978). *Paradoxe et contre-paradoxe*. Paris: E.S.F.
- SELVINI-PALAZZOLI, M. (1978). *Paradoxe et contre-paradoxe*. Paris: E.S.F.
- STIRLIN, H. (1977). *Le premier entretien familial*. Paris: Delarge Editions.
- WATZLAWICK, P. et al. (1967). *Pragmática det comunicação humana*. São Paulo: Cultrix.

---

Artigo recebido em dezembro de 1984.